

TEXTOS / Interlocuções

Patrícia Galelli

### **anotações erráticas em flutuações sobre o mar paradoxo**

o ruído fino da água e logo são outros sujeitos as bolhas. as que passaram sempre são novas bolhas. a onda leva à boca do fundo do mar o copo de água que o mar bebe. no fundo marinho, todas as previsões meteorológicas ocorrem ao mesmo tempo, deixam de ser previsões. ou acontecem no mesmo instante em que são previstas. a tempestade passa ao lado do furacão. um afogamento da própria água ressoa as bolhas como retratos solitários de caminho sem trajetória, na direção labiríntica. o paradoxo é engenheiro de aspas sobre os silêncios: onde não há nada, há o mar e as suas constelações em feixes de correnteza. o mar pensa como o silêncio que prenuncia o acaso, um ruído fino de água entre as aspas.

(aterrissagem)

as ondas voam. mecanismo orgânico, porém, a sustentação deste voo se dá de fora para dentro - a superfície introjeta a decolagem no fundo. de fora se vê apenas a última onda: a aterrissagem, que é formada depois que uma onda mais apressada sai pisando forte sobre ondas simples e outras ondinhas. mas da pista de decolagem do fundo, nota-se outra explicação: as ondas pegam velocidade sem precisar ligar os motores, elas dão dez deslizadas para trás para engatarem na velocidade do vento e, então, se despem da areia, das algas, das pedras (ou carregam as aventureiras: grãos de areia, algas e pedras empolgadas).

as ondas são os aviões do fundo do mar.

(nanofone)

o que aconteceria se o mar mergulhasse um nanofone dentro do hidrofone que lhe capta os silêncios? mapeamento acústico e diagnóstico clínico: nanotransdutor – microdispositivo que converte a energia do cérebro do hidrofone em sinais eletroacústicos ao alcance auditivo do mar. bem mais que 20Hz, obviamente. há que se definir a morfologia do microtransdutor e, depois de construir, fazer testes de sensibilidade. calibração. deve ser muito pequenininho:

um hidrofone no mar é como um astronauta no espaço.

(aguaceiro)

a chuva fina, um tal ruído, também bate nas algas. e pingam os pedregulhos das calhas dos fundinhos. às vezes é nada, às vezes é um aguaceiro só, que nem se vê peixe. o oceano inteiro cabe num silêncio. mas um silêncio de costa é solitário demais, tão perdido do oceano – sem ter com quem falar.

para escutar as áreas costeiras é preciso limpar o lodo dos ouvidos.

(lista quase completa)

a respiração do mar. os batimentos cardíacos do mar. a pressão arterial do mar. os pulmões do mar. os movimentos peristálticos do mar. são todos ouvidos.

entre as aspas: o mar engole o copo de água com tanta sede. o mar aloja com a língua uma bolha nova. o mar empurra a mobília da sua casa pela vigésima vez. o mar varre o pátio logo depois. o mar grava o segredo dos peixes. o mar exagera na fervura do chá de algas. o mar lava os cabelos em água corrente. o mar corre das sombras das faces dos homens. o mar faz carinho no ventre das encostas. quando toca as palafitas do trapiche, o mar se entristece. ouve-se o choro manso do mar quando se irrita. a aglutinação de seus desesperos também se nota. se o acaso se assemelha ao silêncio trespassado de seu íntimo, ao ouvir seu fundo também qualquer um escama em outro – e o pensamento se confunde entre os ruídos finos, satélites lentos de sentido entre as aspas.

## **filme de rio, ou anatomia de River film**

nada da bacia hidrográfica de um homem chega ao mar, nada de um homem evapora. circuito contido, sistema pressionado. num rio não é assim. um rio se alimenta quando chove e corre como lhe convém o tempo. um rio não nasce do olho, mas do choro. um homem é sempre um organismo sem chuva.

dois rios de uma mesma nascente não são o mesmo nem são iguais. Tijucas, acanhado, assume velocidade aguda. Itajaí-açu, espaçoso, se espreguiça e espelha cidade. os dois seguem seus cursos, cada qual por uma topografia, mas chegam juntos, ainda que a quilômetros de distância. um homem, não. um homem nasce sozinho, ainda que divida o útero. e morre sozinho, ainda que divida a vida.

entre dois rios e um homem, músculo e musgo, sangue e água. veias, artérias, capilares. arroio, braço, desaguadouro. estratagemas do corpo de um ao leito dos outros, abandonos e ausências, ócios e sobras. a circulação não cessa, se molda sem tomar forma: no homem o tecido líquido se envolve em vasos linfáticos. nos rios a água degenera organismos insólitos, esbarra no pé de uma ponte, desliza barragem abaixo, tão exata e frouxa e intensa a água é. o homem bombeia o sangue de artéria em aorta, ou em arco, ou em veia, ou vice-versa. gasta nutriente, leva oxigênio, gás carbônico, uma limpeza completa ou se bloqueia. sem rompimento: fluxo da vida acesa do homem. essa vida que ele quer calma, mas que, decidida, não remedia nada.

a vida de um homem é sempre uma resistência de vida. estrada. porto. venda. ponte.

submerso no corpo do homem o ciclo perpétuo do sangue – até que o relógio pare e, impiedoso, o tempo se encarregue do fim da anatomia, uma ciência inteira que desliza ao subsolo dos rios. a foz do homem é seu mistério. um rio e um homem. quem habita quem? um rio invariavelmente evapora. cíclico perpétuo. a foz do rio é sua chegada. um rio tem sempre para onde ir e sabe.

a vida de rio é sempre uma sequência de vida. nascente. afluente. confluência. drenagem.

um rio nunca é o mesmo. nunca pesa, nunca analisa. traz em si uma dureza íntima, memória nebulosa ainda que despida. um homem também é único, embora nunca isento. é pesado, explora, examina. mas, apesar de pequeno, lhe cabe em algum lugar do corpo os dois rios inteiros. cabe no homem o mar.

o oceano.